



O BRINQUEDO COMO UM INGREDIENTE FUNDAMENTAL NO APRENDIZADO DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

ALVES, Carla Rosane da Silva Tavares¹
ANDRADE, Maihara Pereira Franco²

Resumo: Este trabalho, inserido na linha de pesquisa de linguagem, comunicação e sociedade, tem por objetivo destacar algumas diferenças entre baixa visão e cegueira, bem como ressaltar a importância do brinquedo na aprendizagem significativa de crianças com deficiência visual. É, pois, por meio do brinquedo e da brincadeira que as crianças com Deficiência Visual - DV aprendem a lidar com as diferenças e a desenvolver suas habilidades táteis, portanto fica claro que toda criança tem o direito e a necessidade vital de brincar.

Palavras-chave: Deficiência Visual. Aprendizagem. Brinquedo.

Abstract: *This work, inserted into the language line of research, communication and society, aims to highlight some differences between low vision and blindness, and to underscore the importance of toys in meaningful learning of children with visual impairment. It is therefore through the toy and play that children with Visual Impairment - DV learn to deal with differences and to develop their tactile skills, so it is clear that every child has the right and the vital need to play.*

Keywords: *Visual Impairment. Learning. Toy.*

¹ Doutora em Letras (UFRGS). Docente e Coordenadora Adjunta do Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social (UNICRUZ). Pesquisadora e Coordenadora do GEPELC – Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Linguagens e Comunicação. Orientadora da pesquisa. (UNICRUZ). E-mail: ctavares@unicruz.edu.br

² Pedagoga, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social da Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ). Membro discente do GEPELC. Bolsista CAPES. E-mail: maiah_franco@hotmail.com



Introdução

A baixa visão ou visão subnormal é o comprometimento do funcionamento visual de ambos os olhos, tornando difícil, assim, a realização de tarefas diárias que podem ser melhoradas por meio de auxílio óptico ou não óptico.

Segundo Honora e Frizanco (2008), a baixa visão é a alteração significativa da capacidade funcional da visão, decorrente de alguns fatores, como rebaixamento da acuidade visual, redução importante do campo visual, alterações para visão de cores e sensibilidade aos contrastes, que interferem ou limitam o desempenho visual. No âmbito educacional, o aluno com baixa visão é aquele que tem visão útil para propósitos da sala de aula, mas que precisa de auxílios ópticos (óculos, lupa, lentes entre outros) e ampliações para ler e escrever.

A cegueira total pressupõe a total perda da visão, ou seja, ela é nula, nem a percepção luminosa está presente; segundo os médicos oftalmologistas usa-se a expressão visão zero. No decorrer do desenvolvimento da criança com cegueira, é preciso uma estimulação adequada, sendo que a criança deve explorar o meio onde vive, através do tato, olfato e audição.

Ressalta Honora e Frizanco (2008), que o aluno com cegueira, além de outros recursos especiais, necessita do sistema braille para aprender a ler e escrever. Nos países mais desenvolvidos, a deficiência visual é causada, principalmente, por diabetes, degenerações maculares, tumores e traumatismos. Já nos países menos desenvolvidos (por exemplo, o Brasil), as causas principais são: toxoplasmose, rubéola congênita (contraída durante a gravidez), catarata, tracoma, retinopatias, infecções, tumores, diabetes, traumatismos provocados por acidentes domésticos, acidentes de trânsito, entre outros fatores.

A principal característica da deficiência visual é o comprometimento total ou parcial de um dos canais sensoriais de aquisição da informação e, para sua detecção, é preciso um diagnóstico específico e bem detalhado de um especialista na área.

Domingues (2010) fala a respeito da discriminação tátil, entendendo-a como:

[...] uma habilidade básica que deve ser desenvolvida em crianças com cegueira de forma contextualizada e significativa. O tato é uma via alternativa de acesso e processamento de informações que não deve ser negligenciada na educação. O sistema háptico é composto por receptores cutâneos e cinestésicos pelos quais as informações provenientes do meio são conduzidas ao cérebro para serem interpretadas e decodificadas. Deste modo, o frio ou calor e a dor e o prazer são sensações involuntárias e consistentes que podem ser reguladas ou controladas mediante artifícios e condições exteriores, enquanto o tato em movimento pode ser



dirigido e orientado, voluntariamente, para detectar estímulos e informações sobre as características de um objeto (DOMINGUES, 2010, p.35).

Revisão de literatura

Conforme desta Gabaglia (2008, p. 1), as crianças portadoras de Deficiência Visual - DV devem ser estimuladas, desde cedo no que diz respeito à exploração do sistema háptico. Para isso é importante o trabalho com atividades lúdicas, exploração do brinquedo e de brincadeiras, com o propósito de “[...] desenvolver um conjunto de habilidades táteis e de conceitos básicos que têm a ver com o corpo em movimento, com orientação espacial, coordenação motora, sentido de direção, dentre outras habilidades”.

Como assinala Lewi-Dumont (apud JALBERT, 1997), as mãos são instrumentos essenciais de conhecimento para uma pessoa com cegueira. Para ele, a criança com cegueira se serve de suas mãos, não apenas para pegar, jogar ou dar objetos, mas também para perceber seu peso, sua forma e textura.

A criança com deficiência visual precisa ter total liberdade para explorar, manusear e conhecer qualquer objeto com as suas mãos, sendo elas o principal instrumento para conhecer o que está a sua volta.

Siaulys (2005) ressalta a necessidade do brinquedo e da brincadeira, como uma forma simples e agradável de estimular a integração dos sentidos remanescentes e a constituição de um referencial perceptivo não visual.

Para a alfabetização de crianças com deficiência visual, é importante utilizar diversos tipos de materiais concretos. É interessante também a utilização de materiais de sucata, em que elas possam colaborar na confecção; além de motivar a criança ainda auxilia no desenvolvimento e refinamento tátil. Para Vigotsky (1997, p. 112), “[...] a educação da criança cega deve ser organizada como a educação da criança capaz de um desenvolvimento normal [...]”.

A criança com deficiência visual é aquela que difere da média a tal ponto que irá necessitar de professores especializados, adaptações curriculares e ou materiais adicionais de ensino, para ajudá-la a atingir um nível de desenvolvimento proporcional às suas capacidades.

De acordo com Brasil (s/d):



Os alunos com deficiência visual não constituem um grupo homogêneo, com características comuns de aprendizagem, sendo também, um erro considerá-los como um grupo à parte, uma vez que suas necessidades educacionais básicas são, geralmente, as mesmas que as das crianças de visão normal (BRASIL, s/d, p. 7).

Domingues (2010) reforça que a tarefa de alfabetizar alunos cegos é delegada aos professores de escolas especiais ou de salas de AEE.

A educação da criança com deficiência visual pode se processar por meio de programas diferentes desenvolvidos em classes especiais, mantidas por escolas especiais, historicamente denominadas de segregadas, ou no ensino integrado, nas salas de recursos, no ensino itinerante, ou na classe comum, recebendo apoio do professor especializado.

Os brinquedos, por sua vez, na percepção de Domingues (2010) precisam ser cuidados e apresentados em condições de perfeito uso à criança, como se observa, a seguir:

Os brinquedos não devem ser vistos como situação de risco ou de perigo. A criança com cegueira deve aprender a lidar com riscos e limites reais e não imaginários, bem como aprender a lidar com a própria limitação. Ela aprenderá a identificar sons, ruídos, odores e outras pistas que possibilitem localizar obstáculos e evitar perigo (DOMINGUES, 2010, p.34).

O lúdico nas ações educativas tem papel fundamental como método mediador da aprendizagem infantil e, desta forma, contribui sobremaneira na promoção da saúde. Conforme Winnicott (1995), o lúdico é considerado prazeroso, devido a sua capacidade de absorver o indivíduo de forma intensa e total, criando um clima de entusiasmo.

Os jogos e as brincadeiras, evidentemente, mudaram muito desde o começo do século até os dias de hoje nos diferentes países e contextos sociais. Mas o prazer de brincar não mudou. Ao observarmos detidamente a brincadeira infantil, duas características se destacam de imediato: o prazer que envolve o jogo se contrapõe a momentos de tensão, a uma séria compenetração dos jogadores envolvidos. O jogo é prazeroso e sério ao mesmo tempo (FRIEDMANN, 1996, p.11).

Em consonância com a discussão feita, a argumentação de Pinto & Tavares (2010), ressalta que:

É por meio do lúdico que as crianças canalizam suas energias, vencem suas dificuldades, modificam suas realidades, tudo isso propicia condições de liberação da fantasia e a transforma em uma grande fonte de prazer. Portanto, o lúdico é uma ponte que auxilia na melhoria dos resultados por parte dos educadores interessados em promover mudanças (PINTO & TAVARES, 2010, p. 2312).



Metodologia e/ou material e métodos

Este artigo foi elaborado em âmbito qualitativo, através de uma pesquisa bibliográfica. Segundo Bogdan e Biklen (2013, p.49)

A abordagem da investigação qualitativa exige que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo. O investigador coloca seguintes questões como: Por que é que estas cadeiras estão arrumadas desta maneira? Porque é que algumas salas estão decoradas com gravuras e outras não? Por que é que determinados professores se vestem de maneira diferente de outros? Há alguma razão para que determinadas atividades ocorram em determinado local? Por que é que há uma televisão na sala se nunca é utilizada? Nada é considerado como um dado adquirido e nada escapa à avaliação. A descrição funciona bem como método de recolha de dados, quando se pretende que nenhum detalhe escape ao escrutínio.

A análise bibliográfica, segundo Michel (2009), é caracterizada pela consulta de bibliografias pertinentes ao artigo e, neste processo, os conteúdos pesquisados são utilizados para a análise do tema.

Os principais aportes teóricos deste trabalho centram-se em autores como: Honora e Frizanco (2008), Domingues (2010), Siaulys (2005), Brougère (2004), Winnicott (1995) e Friedmann (1996).

Resultados e discussões

Constata-se que o lúdico é uma fonte inesgotável para a aprendizagem. E como afirma Brougère (2004), a brincadeira é um espaço em que se permite uma aprendizagem fabulosa, mesmo que em alguns momentos esta se torne incerta, é um ambiente de relações entre as crianças, propiciando o conhecimento do “eu” e do outro.

Por acreditar-se no lúdico como um dos principais elementos que possa auxiliar a criança com Deficiência Visual no processo de construção e desenvolvimento de sua aprendizagem, propõe-se este estudo para reiterar a questão acima defendida.



Considerações finais

O brinquedo e o ato de brincar são ingredientes fundamentais na educação de crianças com Deficiência Visual, para que elas aprendam a superar as suas dificuldades; é tateando os brinquedos que identificam como são as formas dos objetos, na rotina do seu dia a dia.

É de extrema importância relatar que, por meio do lúdico e do brinquedo, as crianças desenvolvem muitas habilidades: perceptivas, motoras, intelectuais, afetivas e sociais; é por meio desta prática que as estimulam o convívio em grupo. Sendo assim, o brincar e o brinquedo são elementos fundamentais na infância de qualquer criança e, em especial das crianças com DV, tanto para o desenvolvimento físico e intelectual, quanto para a saúde mental da criança.

O brinquedo, além de ser uma fonte inesgotável de prazer para a criança cega, assume uma característica a mais, que é a possibilidade de levar essa criança a descobrir como realmente os objetos são.

Referências

BOGDAN, R. BIKLEN, S. **A investigação qualitativa em educação: uma introdução**. Porto. PT: Porto Editora, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Programa Nacional de Apoio a Educação de Deficientes Visuais. Formação de professores. **Deficiente Visual: educação e reabilitação. Apostila DV**. Disponível em: intervox.nce.ufrj.br/~abedev/Apostila-DV.doc. Acesso em: 02. maio 2015.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e Cultura**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2004.

DOMINGUES, Celma dos Anjos. **A educação especial na perspectiva da inclusão escolar: os alunos com deficiência visual: baixa visão e cegueira**/Celma dos Anjos Domingues [et al.]. – Brasília, Secretaria da Educação Especial; [Fortaleza]: Universidade Federal do Ceara, 2010. V.3. (Coleção A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar).

FRIEDMANN, A. **Brincar: crescer e aprender – o resgate do jogo infantil**. São Paulo: Moderna, 1996.



XVII

Seminário Internacional de Educação no MERCOSUL



www.unicruz.edu.br/mercosul

GABAGLIA, L. R. *Entrevista: Alfabetização de alunos usuários do Sistema Braille*. In: **Banco de Escola: Educação para todos**. Disponível em: <http://www.bancodeescola.com/entrevista-rbc-agosto-2008.htm> Acesso em: 02.maio.2015.

HONORA, M., FRIZANCO, M. L. E. **Coleção Ciranda da Inclusão: esclarecendo as deficiências**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2008.

JALBERT, Y.; CHAMPAGNE, P. O. **Le développement de la conscience de l'écrit chez l'enfant aveugle âgé de 0 à 5 ans**. 2005. Disponível em : <http://www.inja.fr/> Acesso em: 15. Abr.2009.

MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais: um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos**. 2. ed. São Paulo: Atlas S.A, 2009.

PINTO, C.L & TAVARES, H.M. O lúdico na aprendizagem: apreender e aprender. In: **Revista da Católica**. Uberlândia, V. 2, n. 3, 2010, p. 226-235.

SIAULYS, M.O.C. **Brincar para todos**. MEC, SEESP, 2005.

VIGOTSKY, L.S. Obras escogidas: V. **Fundamentos de defectologia**. Madrid: Visor, 1997.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1995.